

Coluna

Mario Sergio Conti

Três artistas do Itatiaia

Embora a ambição hiperbólica pareça delírio, quem já foi ao Éden às margens pútridas da Dutra sabe do que o diretor falava.

Um dos diretores do Parque Nacional do Itatiaia escreveu há meio século que ele existia para ser “um lugar onde o homem se sinta feliz”. Embora a ambição hiperbólica pareça delírio, quem já foi ao Éden às margens pútridas da Dutra sabe do que o diretor falava. Ouçam-se as palavras do Itatiaia: itaporani, aporaoca, taperuçu, saíra, uru, canjerana, para não falar do jacu, do macuco e do sanhaço: poesia pura. São nomes de bichos, plantas e cascatas engastadas na selva que serviu de refúgio a três brasileiros de truz.

Num poema escrito no Itatiaia, em 1937, Vinicius de Moraes diz que o lugar pouco importa:

“Pode ser o Japão, a Holanda, a campina inglesa.

Mas é absolutamente preciso que seja domingo.”

Pois no Itatiaia é sempre domingo, e ainda mais quando o sol é de inverno. “O azul do céu escoia na esmeralda do rio”, prossegue o poeta. Falava de uma ponte de Van Gogh, mas tinha à frente a Poranga, cachoeira que estava deserta no domingo passado. O rio refletia as margens de musgo aveludado, o céu não tinha a mancha de uma única nuvem, a calma do ambiente era de uma velhice sem pátina. Podia-se nadar na água glacial como os puris, a tribo tupi que primeiro ali viveu.

Com vinte e poucos anos, Vinicius passou lá extensas temporadas. Sob a influência do misticismo de Octavio de Faria, de agonias à la São Sebastião, atolará-se em dúvidas metafísicas e indagava o sentido do Ser e do Tempo, sempre com maiúsculas. Como se não bastasse, Faria se apaixonara por ele e insistia em oferecer-lhe o ambíguo ombro amigo. A eloquência da floresta, a noite feérica de estrelas, a neblina densa da aurora, as fontes incessantes, as infinitas formas de vida acordaram a sensibilidade de Vinicius, ajudaram-no a sair do fundo do poço.

Para completar, o poeta topou com um inglês, Robert Donati, que vinha de construir o hotel Repouso, cuja “discoteca é uma maravilha”. Vinicius tomava banho nu na piscina de pedra, ouvia Bach e Chopin, se entretinha com a conversa dos sabiás. Numa carta enviada dali, disse: “Uma delícia. Dá vontade de fazer uma poesia que preste. Mas a preguiça é muita”. Estava a ponto de escapar da fossa cristã e se tornar o verdadeiro

Vinicius. Largaria de preguiça pouco depois, em Oxford, onde estudou Shakespeare e aprendeu a fazer sonetos.

O azul do céu que escoia na esmeralda da mata pode ser visto no Museu de Arte Moderna de São Paulo, que inaugurou na semana passada uma mostra de 70 pinturas de Alberto da Veiga Guignard. Um dos quadros foi pintado no Itatiaia, onde o pintor morou nos anos 1940. Com sua proverbial falta de jeito para as coisas práticas, acochado pelo alcoolismo, solitário e sem ter onde cair morto, Guignard trocava pinturas por hospedagem. Deixou marcas no hotel Repouso, que hoje leva o nome de Donati, inclusive no menu que desenhou para uma festa de Natal.

Assim como a princesa Isabel, Claude Lévi-Strauss foi também ao Itatiaia. De cachecol e sobretudo, escalou as Agulhas Negras e, a quase três mil metros de altitude, ouviu fascinado um geógrafo explicar por que ali medravam plantas andinas. O etnólogo registrou: “Uma paisagem, vista e analisada por um grande mestre, pode ser uma leitura apaixonante, tão adequada à formação do espírito quanto o comentário de uma peça de Racine”.

O grande mestre do Itatiaia-Racine foi Marcos Sá Corrêa. Durante muitos anos, ele percorreu a região, pesquisando e fotografando. Foi um homem feliz na selva e retribuiu o que ela lhe deu em “Itatiaia — o caminho das pedras”. O livro junta botânica, biologia, história, geologia, fotografia e antropologia, além de jornalismo. Imagens e escritos estão unidos de modo inextricável e contraditório: a beleza plástica das imagens é desmentida pelo apocalipse que o texto anuncia, e vice-versa. A síntese é o próprio “O caminho das pedras”, um apelo sem ilusões à preservação do paraíso.

Quando escreveu o livro, Sá Corrêa havia abandonado de vez a política, que comentara na imprensa ao longo da ditadura, da Nova República e do Brasil Novo. Conheceram seus figurões e figurinhas, sabia que deles não se deve esperar nada. Ele escreve, por exemplo, que os guias gostam de repetir que o Itatiaia, fundado em 1937, foi o nosso primeiro parque nacional. Mas lembra na sequência que ele veio depois que Camarões, Burma, a Indonésia e o Congo criaram os seus. Ele ensina:

Os parques nacionais foram uma conquista social. São produto do radicalismo político, como o voto feminino e o fim da escravidão. Descendem da revolução americana como os museus da revolução francesa. Ambas movidas pelo impulso libertário de educar as massas, franqueando-lhes o acesso a obras-primas que desde a noite dos tempos estavam confinadas ao claustro do lazer aristocrático.

Leia mais sobre esse assunto em <http://oglobo.globo.com/cultura/tres-artistas-do-itatiaia-16777629#ixzz3gSKrzVJr>

© 1996 - 2015. Todos direitos reservados a Infoglobo Comunicação e Participações S.A. Este material não pode ser publicado, transmitido por broadcast, reescrito ou redistribuído sem autorização.